**Bircham International University**

**Faculty of Psychology**

**Admission Granted to: MAX DINIZ CRUZEIRO**

**Degree Program: Doctor of Philosophy**

**Specialization: Cognitive Psychology**

**Document Language: Portuguese**

**PRINCÍPIOS BÁSICOS DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO**

**MÁRCIO BORGES MOREIRA & CARLOS AUGUSTO DE MEDEIROS**

**ISBN – 978-85-363-0755-8**

**JURAMENTO**

**EU MAX DINIZ CRUZEIRO JURO QUE O MATERIAL PRODUZIDO ABAIXO É FRUTO MERAMENTE DE MEU ESFORÇO EM ESTUDAR E CATALOGAR O CONTÉUDO DO LIVRO PRINCÍPIOS BÁSICOS DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO MÁRCIO BORGES MOREIRA & CARLOS AUGUSTO DE MEDEIROS.**

****

**ÍNDICE**

**I – O reflexo inato ................................................................................................................ 02**

**II – O reflexo aprendido: Condicionamento Pavloviano ........................................................ 05**

**III – Aprendizagem pelas consequências: o reforço .............................................................. 08**

**IV – Aprendizagem pelas consequências: o controle aversivo ............................................... 10**

**V – Controle de estímulos: o papel do contexto .................................................................... 12**

**VI – Esquemas de reforçamento ........................................................................................... 14**

**VII – A análise funcional: aplicação dos conceitos ................................................................. 17**

**VIII – Atividades de Laboratório ........................................................................................... 19**

**IX – B. F. Skinner, análise do comportamento e o behaviorismo radical ................................ 22**

**X – Conclusões ...................................................................................................................... 23**

**I - O reflexo inato**

O reflexo inato decorre de um evento que parte do ambiente que provoca uma reação automática em uma pessoa que corresponda ao estímulo desencadeado sobre a superfície do corpo. É um processo em que o sistema simpático de um indivíduo, quando o corpo é afetado, desperta, por exemplo, de forma a gerar maior impulso para os batimentos cardíacos, pressão arterial e espasmos musculares. Todas as espécies animais, afirmam Márcio Borges Moreira e Carlos Augusto de Medeiros, apresentam comportamentos reflexos inatos. É uma forma de preparo de reação mínima para a correspondência que irá preparar o indivíduo para a necessidade exigida do ambiente em relação ao tipo de atitude de que o sujeito deve desencadear para sua sobrevivência.

Tais reflexos inatos são essenciais para a sobrevivência, pois organizam funções de correspondência, como mamar (sucção); caminhar, correr e engatinhar; aproximar, repelir, contrair, expulsar, ou, afastar; pisar, lacrimejar, salivação, e, apalpar; ... tais reflexos despertados farão parte do repertório comportamental do indivíduo, no rol de vicissitudes que compreendem o comportamento do organismo.

O signo ***Reflexo***, construído a partir do Latim, RE (outra vez; novamente) com a palavra FLEXUS (dobrado, fletido, do verbo FLECTERE (dobrar – FLEXIBILIS – dobrável) – ***aquilo que arqueia, que locomove informações em uma direção e arqueia uma devolução com uma solução, como resposta para um conflito*** – [Fonte: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/reflexo/>] traz em sua composição uma associação entre estímulo e resposta. No qual se subentende que o reflexo passa por um processo de arquivamento da contratura, ou seja, passa a exigir correspondência toda vez que o estímulo é observado ou desencadeado sobre uma superfície corporal de uma pessoa. Estímulo está associado a variação física que afeta o corpo, e correspondência ao efeito que o estímulo desencadeia sobre este corpo, como resultado da interferência do ambiente sobre o indivíduo.

O signo STIMULUS veio do Latim retirado do nome de uma instrumentação pontiaguda que servia para tocar o gado. Usado mais tarde pela área médica, como conceito para algo que incita o organismo humano. Já o signo RESPOSTA, vem do Latim REPONERE (colocar de volta, repor, restabelecer), onde RE (outra vez, de novo) e, PONERE (colocar e por). Assim, ***Reflexus est stimulus et reponere***. Reflexo é algo que torna dobrado ou fletido, inúmeras vezes, aquilo que se pode repor ou se restabelece de volta em um organismo, na direção da via de expressão ambiental, do ponto de vista médico-clínico-psicológico.

Moreira e Medeiros, trazem uma perspectiva interessante sobre um vínculo associativo de interesse da psicologia sobre o reflexo, eles identificaram uma construção metafórica no qual possibilitou abstrair estímulo com resposta através de eliciamento (que vem do Latim ELICERE – fazer sair, tirar e evocar), do qual sua afirmação: ***o reflexo é uma relação entre um estímulo (S) e uma resposta (R) na qual o estímulo elicia (→) a resposta***, onde S1***→***R1***,*** indica uma propriedade neurologênica do cérebro humano, no qual o estímulo tem a propriedade de evocar, fazer sair e tirar informações das estruturas mnêmicas para a correspondência da exigência funcional para corresponder a necessidade desencadeada pelo ambiente em regime de urgência. Por exemplo: S1 é a agulha pontiaguda que tem contato repentino com o dedo e R1 é a flexão instantânea do dedo para retirar o organismo da zona de perigo. A ação que parte do ambiente evoca a contratura do dedo, neste caso para fixar o tipo de exigência exigida pelo organismo para se defender ou ter segurança.

Em termos de psicofísica, é possível estabelecer e evocar neste instante duas medidas: intensidade e magnitude. A intensidade refere-se à frequência com que o impulso ou fluxo capaz de transportar e transformar energia, visualizado como estímulo se desloca sobre a superfície da pele de um indivíduo na reprodução de um fenômeno, visto como uma resposta, de procedência interna, de correspondência, por onde se situa o foco e a atenção do contato; em que a segunda variável magnitude, ou seja, o grau da intensidade luminosa que foi absorvido e convertido em pulso pela transdução, é capaz de gerar e organizar o movimento reflexivo. Porém há que se pensar também na existência de magnitude do estímulo, visto do ponto de utilização do canal de propagação do sinal ou estímulo cuja componente e vetor físico atinge um corpo. E também em pensar na intensidade como um fluxo interno de processos que se somam para que o efeito da elicia seja observada dentro de um organismo, que gera correspondência com o potencial absoluto, na tentativa de romper esta barreira, para que o fluxo de informações possa fluir até o sistema nervoso central, e deste, por vias eferentes, para as regiões periféricas do organismo a fim de provocar a reação exigida. Porém, o interesse de Moreira e Medeiros está no tipo de fenômeno físico em que o estímulo está correlacionado com uma intensidade e a produzir efeitos, ou seja, uma magnitude da resposta.

Conforme o tipo de estímulo, como por exemplo: som, barulho, alimento, luz incidente sobre o olho, eletricidade, temperatura, atrito, ... pode despertar uma característica física a ser mensurada conforme o tipo de variável de uma métrica de estudo: altura em decibéis, milímetros de gotas salivares ou odoríferas, milímetros do deslocamento do diâmetro da pupila, volts desencadeados ou absorvidos, graus célsius, número de pulsações ou influxos sanguíneos conforme o órgão, força de contração em Newtons ou quantidade de substâncias em que um indivíduo tem aproximação ou contato direto, que seja geradora de efeitos no organismo.

As relações constantes entre estímulos e respostas foram estudadas pela ciência a fim de compreensão das relações dos organismos vivos com os fatores de interação com o mundo. De forma que as descobertas foram organizadas de maneira uniforme que correspondesse num manual de instruções visualizado como propriedades e leis sobre o reflexo, para orientar e organizar espacialmente o homem com informações necessárias para a estabilidade e continuidade harmônica da existência, diminuindo os fatores negativos presentes no vínculo do homem com o seu habitat.

Moreira e Medeiros trazem à tona na consciência quatro leis fundamentais:

* A lei da intensidade e magnitude;
* A lei do limiar;
* A lei da latência;
* A lei da correspondência.

Na Lei da Intensidade e Magnitude, intensidade do estímulo e magnitude da resposta são grandezas diretamente proporcionais.

Na Lei do Limiar todo estímulo para ser evocado (elicicado) deve coexistir uma intensidade mínima para ativar uma resposta. De forma que existe uma medida-padrão mínima psicofísica, em que o efeito-correspondência passa a ser comutado no sistema nervoso central e deste para o sistema nervoso periférico.

Na Lei de Latência existe um tempo de processamento das informações que parte do ambiente e a resposta do indivíduo ao estímulo. Respostas mais rápidas seguem padrão de exigência de estímulos que são muito evasivos, rápidos ou instantâneos; respostas mais lentas seguem padrão de exigência de estímulos poucos comprometidos com a capacidade de sobrevivência, mais tênues, superficiais e acomodativos.

Na Lei da Correspondência quanto maior a intensidade do estímulo maior a correspondência. Porém esta lei sofre limitação em relação as outras três leis fundamentais.

Duas outras variáveis psicofísicas foram estudadas por Moreira e Medeiros, a habituação e a potenciação.

Na habituação do reflexo, os autores trazem o conceito de acomodação de uma resposta, quando a ação passa por movimentos sucessivos em uma frequência de atuação constante e desencadeada repetidamente em curtos intervalos de tempo (a magnitude decai).

Na potenciação do reflexo, a acomodação de uma resposta é tornar habitual o fenômeno repetitivo de forma que sua influência deste sobre a característica daquele (habitual) no organismo passa a se tornar imperceptível ou não perceptível o fenômeno desencadeado sobre o comportamento do indivíduo.

Existe uma relação lógica entre estímulo, elicia, resposta fisiológica e ***resposta psicológica***. Sendo este último apresentado por um conceito cognitivo, como por exemplo: medo, angústia, ou alegria, contentamento, e outras formas variantes, que possam afetar ou corrigir uma manifestação psicológica de um indivíduo.

II - O reflexo aprendido: Condicionamento Pavloviano

Ao longo da história filogenética de uma espécie o comportamento humano é moldado segundo características correlacionadas e que influenciam com a capacidade de aprender novos reflexos. Reflexos são elementos preparatórios para um primeiro contato de um indivíduo com o ambiente cujo aprendizado condiciona os indivíduos de uma espécie a reação inteligente, voluntária e consciente, a partir das inúmeras vivências que se somam no rol em que as experimentações são vinculadas aos processos mnêmicos, para contribuir e aumentar as chances de sobrevivência. Bem como gerar uma contribuição para a reação diferenciada para diferentes estímulos possibilitando adaptações constantes quando o ambiente adquire nova fase em seu equilíbrio, onde parte do aprendizado se incorpora ao organismo da espécie, e passa a servir de referencial para inibir ou excitar comportamentos dos novos indivíduos que nascem em um nicho específico.

Márcio Borges Moreira e Carlos Augusto de Medeiros afirmam que os reflexos inatos retêm como ensinamento alguns tipos de respostas do biológico a condicionantes ambientais. A mudança do ambiente provoca a necessidade de adaptação, neste sentido.

No Condicionamento Pavloviano a capacidade de aprendizado de um indivíduo de determinada espécie sofre influência do processo de adaptação, no sentido que na ausência de uma ativação de um aprendizado que se incorpora a espécie por meio de um evento evolutivo, nos moldes descritos de Charles Darwin, pode ser desabilitado, porque a característica impregnada não é mais necessária para gerar uma ou mais correspondências ambientais. Da mesma forma que este processo de aprendizado é capaz de desativar o funcionamento de certos aprendizados, é capaz de elevar um conteúdo que mereça ser indexado à espécie por meio do estímulo excessivo, ou de esforço, que condiciona o biológico de uma espécie a progressão dentro da característica. Como definição, é uma situação-problema em que um estímulo neutro ativado previamente e emparelhado com um estímulo incondicionado gera uma elicia de resposta reflexa.

É importante notar que por mais que seja atrativo este tipo de proposição teórica de base Darwinista, não é aconselhável migrar estes conteúdos para áreas em que os atributos de evolução estejam atrelados ao comportamento humano, porque condicionaria as sociedades humanas a criação de políticas de segregação e processos de seleção natural (restrições em que a teoria evolutiva de Charles Darwin deverá ser aplicada com ressalvas: Direito, Administração, Empreendedorismo, algumas áreas da Medicina, algumas aplicações da Farmacologia).

O Condicionamento Pavloviano foi criado pelo russo Ivan Petrovich Pavlov que viveu de 1849 a 1936 Fisiologista e Médico concentrando seus estudos laboratoriais iniciais sobre o reflexo salivar, onde cães eram posicionados em frente ao alimento para medir a quantidade de saliva produzida sob o efeito da elição do animal (evocação e extração de conteúdo mnêmico) pela visualização e olfação da comida em que os aspectos quantitativos e qualitativos do alimento foram levados em consideração. Durante o experimento foi observado que o processo de salivação dos animais também era desencadeado pela percepção do cão, da aproximação dos cientistas com o recipiente onde estava o alimento. Isto tornou o experimento uma relação de grande complexidade pois o estudo não estava apenas condicionado ao reflexo gustativo e olfativo, a visão também tinha um fator interativo que não podia ser desconsiderado, como também a audição dos cães com a percepção das pegadas de aproximação do alimento passaram a ser elementos importantes para a análise.

O processo que paira sobre o Condicionamento Pavloviano estabelece que o vínculo do indivíduo de uma espécie com a fonte ambiental não é suficiente para o aprendizado do reflexo, há necessidade que a repetição, ou seja, o condicionamento da atividade, permita que o indivíduo correlacione internamente, por vias associativas, dois ou mais caracteres psicofísicos para integrar em uma resposta (elicicada) que indique para a estrutura cerebral conexões orientadas no sistema nervoso central que canalizem o aprendizado como um processamento-resposta para sanar a exigência ou demanda do meio, toda vez que o estímulo é encaminhado pelas vias aferentes no sentido da atingir as regiões mnêmicas a fim de provocar a somatização percentual que mais se ajusta ao nível de resposta exigido para a experiência vivida pelo organismo vivo.

É possível determinar processos em que o Condicionamento Pavloviano pode ser organizado para melhor compreensão. Como também, organizar uma métrica temporal em que o condicionamento pode ser observado: as respostas que são observadas antes do condicionamento (não elicia); as respostas que são produzidas durante o condicionamento (estímulo incondicionado – reflexo incondicionado); e, as respostas conduzidas após o condicionamento (estímulo condicionado – resposta condicionada – reflexo condicionado – estímulo elicia resposta). Durante as três etapas temporais ocorre uma transformação em que a função do condicionamento é ativada pelo processo de elicia, para que o conteúdo registrado e arquivado pelo processo de aprendizagem possa ser acessado e utilizado como um conteúdo de resposta.

Um estímulo pode ser neutro em relação a um determinado conteúdo, e servir de regra associativa por meio da elicia para outro tipo de resposta. A regra que se estabelece para o condicionamento é que desperta os elementos psicofísicos (paradigma do condicionamento respondente), que uma vez ativo, por intermédio da elisão desperta o comportamento sintetizado pelo processo de aprendizagem.

Moreira e Medeiros afirmam:

**Se os organismos podem aprender novos reflexos, podem também aprender a sentir emoções (respostas emocionais) que não estão presentes em seu repertório comportamental quando nascem.**

Os reflexos inatos contribuem como ferramentas para inicialização de processos após o nascimento, e destes fazem com que os reflexos, que surgem do contato ambiental, passem a ativar condicionamentos sucessivos em torno da relação de um indivíduo e o aprendizado que se incorpora gradativamente da experimentação e experiência da vivência deste indivíduo.

O emparelhamento de alguns estímulos condicionados pode gerar por intermédio da elicia (evocação, aquisição e extração) o contato com a emoção que irá reproduzir o ensinamento de incorporação e ativação da resposta como necessária para a sobrevivência.

Estímulos de mesma classe ou categoria, uma vez que um conteúdo foi elicicado, pode converter em uma ativação do elemento primário que sofreu processo de condicionamento respondente (Generalização Respondente). Isto se explica a partir das semelhanças do fenômeno originário que resultou no processo de elição, com outras situações conexas ou parecidas que estiverem presentes no ambiente ao ativarem o estímulo condicionado a afetação na reprodução da resposta. Estimulo elicia resposta.

Moreira e Medeiros trouxe à tona em seu livro Princípios Básicos da Análise do Comportamento que a variação na magnitude da resposta em função das semelhanças entre os estímulos gera um conceito chamado de gradiente de generalização respondente. Quanto mais fraca for a parentologia do objeto com o elemento da elicia proporcionalmente será mais fraca a resposta observada de um conteúdo emocional para a maioria dos casos observados.

As respostas emocionais condicionadas comuns podem ser empilhadas em torno de estruturas conceituais na forma de uma coleção ou classe de atributos e características que servem de fatores atrativos, entre espécies distintas de elicias diferentes, em que as respostas passam a ser orientadas pela lei de atração que regula a classe emocional, aproximando ou repelindo as situações-estímulos que o gradiente de generalização respondente sinalizar como nível de resposta requerido para a correspondência ambiental. Assim, o indivíduo passará a ser atraído por conteúdos que o aproximam do conceito que estiver ativo como referente de um conteúdo mnêmico, como por exemplo Medo.

A extinção respondente, ou seja, a desativação do estímulo condicionado ocorre quando os estímulos associados que geram a condição de resposta pela elicia, passam a aparecer no ambiente sem a junção associativa (ativação seletiva; disjunção), inibindo a correspondência dos elementos conjuntos a ela associada. Um exemplo teórico é um indivíduo habituado a promover seus estudos apenas com um estilo de música através de seu fone de ouvido, e passar a se sentir motivado pela prática do estudo devido a influência que a melodia desperta em sua psique a sensação de prazer. E em um dado momento, este indivíduo necessita continuar seus estudos, com a ausência do aparelho, em que a manutenção do prazer não é percebida, porque o vínculo associativo não é mais ativado. Em vez disto o estímulo respondente é extinto (a associação conjunta é desfeita), e como resultado o indivíduo passa a se condicionar a um outro tipo de vínculo associativo em que novo parentesco de estímulo irá aproveitar o condicionamento, a partir da elicia primária, que irá contribuir para a recuperação do eixo motivacional que devolverá a sensação de prazer em se realizar continuamente os estudos, sem o aparelho de som (descatequizado).

Na recuperação espontânea o indivíduo que tiver gerado uma situação de extinção respondente poderá catequizar novamente o instanciamento psíquico que resgata a impressão de condicionamento, pelo processo da lembrança, fazendo que a experiência passada resgate o conteúdo mnêmico antes desativado, caso ainda persistam os traços neurais que formam o circuito lógico para a formação da resposta.

Moreira e Medeiros ativa dois conceitos na consciência do leitor: de contracondicionamento, e, dessensibilização sistêmica; o primeiro implica no condicionamento contrário a resposta condicionada para anular o estímulo condicionado (para que o indivíduo abandone o estímulo angustiante e opte por uma variação de condicionamento que maximize o prazer); o segundo, é uma medida de sensibilização para ativar os mecanismos emocionais com base na generalização correspondente, em que os elementos escolhidos possuem relativa influência sobre a resposta, e gradativamente, por meio de processos de extinção, o psicólogo aproxima o paciente do conteúdo que ativa maior canalização de angústia ou sofrimento, a fim de efetuar o tratamento por etapas, à medida que o paciente se sente confiante em lidar com a situação-conflito e a força das conexões passa a perder seu valor (Controle da Magnitude da Resposta. Ex. Medo).

Um condicionamento de ordem superior é um emparelhamento de estímulos antes não combinados, em que já exista um condicionamento do estímulo que resulta numa junção de propriedades no qual indexa os novos estímulos a uma elição já preexistente. Torna-se um processo de empréstimo, de condicionamento de segunda ordem, onde os atributos do conteúdo antes não condicionado, passam por um processo de geração de uma metáfora, que resgata a essencialidade do estímulo que fora incluído no modelo de elicia da resposta pré-existente. Se outro estímulo neutro é aplicado sobre a nova junção, o tipo de condicionamento muda sua ordem superior para o terceiro grau, e assim sucessivamente, ganhando robustez no processamento e identidade da informação. Observo este efeito dentro da teoria dos Engramas, concebidos num tipo de organização conceitual onde os atributos, valoração e características das informações mnêmicas são condicionadas provisoriamente e temporariamente ao empréstimo da aquisição do instanciamento biológico, ao qual pode ser utilizado para compor novos elementos associativos conforme a necessidade funcional do condicionamento do estímulo de acordo com um conteúdo lógico que irá definir a sua lógica de atuação e apropriação e a ordem associativa das aquisições.

Moreira e Medeiros definem características que devem ser observadas que contribuem para o nível de resposta condicionada: a frequência dos emparelhamentos (quanto maior a frequência mais forte é a resposta condicionada), o tipo de emparelhamento (o surgimento do estímulo condicionado antes do estímulo condicionado apresenta respostas mais fortes), a intensidade do estímulo incondicionado (um estímulo incondicionado forte estimula condicionalmente de respostas mais rápidas) e o grau de predição do estímulo condicionado (é preciso um estímulo neutro que sirva de predição para a ocorrência do estímulo incondicionado antes da sua ativação).

III - Aprendizagem pelas consequências: o reforço

O comportamento respondente, onde um estímulo elicia uma resposta, é fundamental para a compreensão de algumas características do comportamento humano e os processos que sinalizam os princípios da aprendizagem humana. Parte de uma construção em que emoções são ancoradas no condicionamento de resposta, mas que ao mesmo tempo, o comportamento respondente não é capaz de justificar toda completude para uma explicação comportamental, porque é apenas uma vicissitude das possibilidades interacionais do ser humano, consigo mesmo, com outros seres e com o ambiente que esteja inserido.

O comportamento operante (R**→**C) – resposta ativa consequência –, descrito pela primeira vez por B. F. Skinner, é aquele que parte de uma base biológica para o plano externo, no qual a expressão é a base de transformação de um conteúdo sobre o habitat. Skinner se prendeu sobre a perspectiva onde a dimensão do comportamento provocava mutações ou modificações sobre o espaço (consequências). Enquanto no comportamento respondente descrito por Moreira e Medeiros, a perspectiva tinha como dimensão, transformações internas dentro de um indivíduo onde a operação era realizada sob o condicionamento de uma elicia.

O aprendizado pelas consequências permite que o comportamento possa ser mapeado, no quais as construções que se projetam em termos de expressão sobre a natureza, tais como: falar, ler, escrever, raciocinar, abstrair, andar, correr, imitar, assobiar, ... permitem que um observador, ou o próprio indivíduo, possa criar um fluxo em que as características internas se integram para emergir significado que indique o modelo de personalidade, ou seja, a norma ou padrão, em que um indivíduo se propõe a evidenciar sua comunicação para com o mundo a sua volta.

Assim, um pensamento operante para a expressão: “Bom dia!”; pode sinalizar uma solicitação de correspondência ambiental para outro indivíduo que a exigência funcional é a sinalização da outra perspectiva que poderia ser atribuída como modificação ambiental, uma emissão sonora de um outro emissor, que no papel de comunicação anteriormente utilizou do canal de comunicação para receber a mensagem cuja exigência era a sinalização de seu estado de humor, que traz como resposta “Mais ou menos, hoje estou gripado!”. Ou até mesmo riscar um fósforo, em que a consequência, pode ser a reprodução de uma chama em uma vela.

Como um efeito em cadeia, uma consequência ativa no ambiente um estímulo que poderá gerar uma relação de comportamento respondente. Este por sua vez, desencadeia uma resposta sobre o ambiente, em que um ciclo de transformações ambientais passa a repercutir afetando as cadeias de valores dos indivíduos, e o calibre dos conceitos que vão integrando novas perspectivas em que a ação humana passa a gerenciar o seu desenvolvimento através de um processo de aprendizagem.

Conforme o aprendizado, o comportamento se molda, de forma restritiva ou expansiva. Restritiva no sentido de gerar um bloqueio quando a consequência catalogada sinalizar um estímulo em que a exigência respondente, irá inibir o sentido concordante com a correspondência, onde a resposta passa a se vincular com uma classe de atributos que bloqueiam o acesso a experiência ou experimentação negativa. Por outro lado, quando expansiva, um estímulo que exige comportamento respondente, irá sinalizar uma excitação, no sentido de indicar para a elição que a resposta deva ser reproduzida em sua perspectiva positiva e concordante, a fim de que o comportamento operante possa sinalizar a modificação do meio.

As consequências, vistas como mutações ambientais, podem indicar alterações no comportamento que despertem aspectos sociais, morais ou éticos favoráveis ou contrários em termos de estrutura de ativação de pensamentos. Por exemplo: uma mulher que esteja na calçada, e um carro passa em alta velocidade onde o deslocamento da roda sobre um buraco cheio de água, gera um estímulo, que as leis da física estabelecem o avanço do conteúdo líquido sobre as vestes da senhora. Uma consequência que pode ter gerado uma elição que tem como resposta um ressentimento na forma de um insulto, ou um palavrão.

No processo de aprendizagem e reflexão do aspecto de comparação entre dois ou mais momentos distintos, permite-se estabelecer um aspecto de controle, onde o comportamento operante é percebido como um elemento que pode ser canalizado a fim de que a consequência esperada seja desencadeada no ambiente, ou, estabelecer um sentido ecológico, onde a percepção da consequência, vista como um acontecimento ou fato gerador de angústia e aflição para um indivíduo, possa ser controlada para que os fatores, vistos como resposta, sejam ativados a fim de influenciar o comportamento operativo que irá desencadear sobre o ambiente a opção ou alternativa do modelo de comportamento, em que o processo de comunicação determina o processamento do mesmo conteúdo de informação, que indique a consequência mais positiva de ser administrável por um indivíduo a fim de colaborar para sua homeostase cerebral. Neste processo o comportamento é influenciado por estímulos de reforço da atividade que condiciona uma ação específica.

O condicionamento do comportamento por uma consequência amplia a probabilidade de ativação do comportamento inscrito na personalidade de um indivíduo, - e essa característica é chamada de Lei do Reforço. Uma contingência de reforço é uma relação de elevação de probabilidade da ocorrência do comportamento, visto como resposta do organismo frente a uma necessidade de expressão, onde as chances de que o evento volte a se repetir são ampliadas a cada novo fator interativo. Exemplo: ***toda vez que encontro pela primeira vez minha namorada pela manhã, eu lhe dou um beijo***. ***Ela fica amorosa comigo o dia inteiro.*** Consequência (contato com os lábios); Emissão da resposta (o ato de praticar o beijo); Comportamento (afeto no casal); chances (modelo de pensamento em que a sinalização do beijo amplia a interação futura); Probabilidade (90% das vezes que eu a beijo, desperta um sentido de carinho em minha amada); Contingência de reforço (se o comportamento do beijo ocorrer, então a consequência gerada pelo afeto será a cópula no final do dia).

Uma resposta pode estar orientada para refletir sobre um estímulo neutro, condicionado ou incondicionado cuja natureza deste estímulo não é suficiente para qualificá-lo como reforçador. Pode-se pensar num reforço como sendo a ativação de uma consequência que desperta uma apreensão, em que a qualidade sugerida ou despertada é mantida por uma carga de energia, numa inscrição de uma rede neural que dá sentido interno ao evento externo colhido, no qual o indivíduo que a consome desperta uma intensificação de uma ou mais estruturas de prazer, e à medida que o indivíduo ao utilizar a sua personalidade, se permite sentir incluso dentro do modelo de inscrição cognitiva, por um pouco mais de tempo a cada nova recorrência da excitação, até que a ampliação da descarga excitatória que induz a percepção de prazer, sinalize uma probabilidade, um reforço, no sentido de solidificar a atitude que é percebida como benefício para o indivíduo (conforme Freud) cujo efeito modal de seu surgimento não encontra barreiras neurais para emergir no consciente humano.

Os reforçadores naturais são percebidos por influências ambientais diretas sobre o comportamento, enquanto os reforçadores arbitrários são percebidos por influências indiretas sobre o comportamento. Exemplo: Uma mãe pede para seu filho que ele vá para o banheiro para se banhar a fim de não se atrasar para a escola (reforçador natural: atitude ou comportamento da mãe condiciona o agir do filho). A mesma mãe está doente acamada, o seu filho tendo que ir para a escola, relembra a fala de sua mãe no exato instante que necessita tomar banho para ir à escola e sem incomodá-la entra no banheiro para se banhar (reforçador arbitrário: lembrança vinculada à cena).

A experiência do comportamento reforçado promove uma diminuição da frequência de outros comportamentos diferentes do comportamento reforçado e uma diminuição da variabilidade na topografia (forma) da resposta (comportamento) reforçado. (Moreira e Medeiros)

Quando um comportamento deixa de ser reforçado a tendência natural é a volta do nível de resposta do comportamento operante (extinção operante – retorno da frequência do comportamento ao nível operante), da mesma forma que um adepto de academia que ao exercitar diariamente por cinco anos, deixa de praticar exercícios físicos por um ano seguido, sua tendência natural será diminuir a sua massa muscular que lhe permitiu organizar com músculos afloradas, sua constituição corpórea.

A resistência à extinção do reforço é observada pelo tempo necessário que um indivíduo que se condicionou a agir conforme um nível de estímulo, continua a corresponder sem o estímulo reforçado ser ativado. A história de aprendizagem de um indivíduo influencia diretamente sobre o nível de resistência à extinção do reforço no quais podem ser observados: o número de reforços anteriores; custo da resposta; e, esquemas de reforçamento. Na recuperação espontânea o comportamento é reforçado mesmo na ausência do estímulo reforçado.

Outros efeitos da extinção do reforço descritos por Moreira e Medeiros são: aumento na frequência da resposta no início do processo de extinção; aumento na variabilidade da topografia (forma) da resposta; e, eliciação de respostas emocionais (raiva, ansiedade, irritação, frustração, ...).

No processo de modelagem para uma aquisição do comportamento, o estímulo ao aprendizado é conquistado através da aproximação da resposta com outro elemento de cunho emocional, no qual a duração da imediaticidade do reforço não deve ser curta ou longa o suficiente para não gerar a correspondência no nível de funcionamento exigido pelo cérebro humano a fim de construir a elição dentro do sistema nervoso central. Como Moreira e Medeiros exemplificam em seu livro Princípios básicos de Análise do Comportamento, uma mãe quando percebe o gesto gutural em seu filho, visto de um processo de repetição sonora do ambiente, das sílabas que integram um chamamento: “Ma” de “Mamãe” a carícia ou sinal de afeto de compreensão e elevação da estima pelo reconhecimento sonoro que a mãe demonstra em relação ao seu bebê desperta um elemento associativo nesta criança, na visualização de um prazer de agradar a genitora que faz perceber neste bebê uma “sacada” de reproduzir novas vezes o som identificado para que o comportamento da mãe seja novamente desencadeado. Até o efeito da fixação desencadear um entendimento por intermédio de um processamento do comportamento, que torna a reação padrão, instigando na criança uma necessidade de variabilidade de resposta que a permite ampliar a correspondência para a palavra “Mama” para que a mãe continue a exercer estimulação sobre o comportamento da criança.

IV - Aprendizagem pelas consequências: o controle aversivo

Através do comportamento operante visto no capítulo anterior, é possível observar as modificações ambientais pela perspectiva de consequências do comportamento. No reforço positivo a consequência é ampliada em termos de probabilidade vista como um processo de adição de um estímulo que aumenta a perseguição ao estímulo dentro de uma determinada perspectiva. Este tópico, no qual Moreira e Medeiros descrevem sua abordagem irá tratar dos casos em que a frequência é aumentada – reforço negativo –, e outro caso em que a frequência do estímulo é diminuída: punição positiva e punição negativa.

No controle aversivo do comportamento um indivíduo age tentando se livrar de contatos prejudiciais. O reforço é chamado de positivo quando a experiência é controlada em que o comportamento o estímulo é aumentado no ambiente. O reforço negativo difere do conceito anterior porque o estímulo é retirado do ambiente como um processo meramente operativo. Punição negativa ou positiva a probabilidade de incidência novamente da ativação do comportamento diminui, na negativa ancorada pela retirada do comportamento; e na positiva a consequência é ancorada por princípios de sobreposição que acentua o comportamento (adição de um estímulo aversivo ao ambiente). O reforço negativo, a punição negativa ou positiva são controles aversivos porque exercem atitudes inibidoras do estímulo.

Um organismo vivo assume para si uma tendência de evitar aquilo que causa desprazer ou aversão, em sua ordem natural onde o indivíduo se integra com sua pulsão de vida, mas esta relação, estudada por Freud na segunda tópica percebe a existência de uma identificação também de indivíduos com a pulsão de morte, no qual Moreira e Medeiros, não mencionaram no seu livro, e que não é válida para o tipo de raciocínio que evita a aversão. As reações emocionais exercem forte influência no modelo de controle aversivo proposto por tais pensadores.

Moreira e Medeiros esclarece que estímulos aversivos se vinculam com reforço negativo (aumento da frequência) e punição positiva (diminuição da frequência). Um reforçador negativo é um estímulo retirado do ambiente no qual o reforço negativo estabelece uma contingência por fazer firmar uma relação de aumento da frequência do comportamento. Um exemplo de reforçador negativo é uma pessoa que tenha sofrido um ferimento na perna e o resultado da luxação é uma dor crônica, que o objeto que causa contingência é uma pomada que cessa a dor intermitente devolvendo tranquilidade para a pessoa em questão, no qual o comportamento é influenciado pelo analgésico. Intuitivamente a frequência de utilização da pomada foi aumentada cognitivamente, porque quando o indivíduo buscar em sua lembrança a informação do tipo de comportamento que exerceu influência para sanar seu problema (dor crônica) a probabilidade do indivíduo utilizar do mesmo conhecimento para repetir o comportamento também é aumentada.

No comportamento aversivo é possível pensar em comportamento de fuga e comportamento de esquiva. No primeiro, o estímulo é retirado do ambiente; no segundo o comportamento é evitado e o contato é adiado a fim de que o comportamento possa sintetizar a melhor saída para um indivíduo. A diferença substancial de fuga e esquiva, é que na fuga o estímulo no ambiente já aconteceu e na esquiva o estímulo foi observado projetivamente antes de sua ocorrência ambiental.

Os pensamentos punitivos não se extinguem como estrutura de comportamento quando as contingências punitivas são removidas. Uma pessoa que recebeu uma multa de trânsito pode voltar a gerar outras infrações, mesmo depois da pena taxativa monetária fixada em termos de dispêndio. Moreira e Medeiros afirmam que tanto a punição positiva como a punição negativa diminuem a probabilidade de o comportamento ocorrer.

O estímulo de punição pode ser positivo (diminui a probabilidade de o comportamento ocorrer novamente pela adição de um estímulo aversivo-punitivo ao ambiente) ou negativo (diminui a probabilidade de um comportamento ocorrer novamente pela retirada de um estímulo reforçador do ambiente). No primeiro a contingência é um estímulo que reduz a probabilidade de ocorrência futura. No segundo a contingência é um estímulo que é retirado do ambiente.

Quando uma contingência suspensiva punitiva fica instanciada e presente na natureza um processo de descondicionamento pode promover a pronta recuperação da resposta.

No comportamento extinto há a suspensão da consequência reforçadora diminuindo gradualmente a probabilidade de ocorrência da resposta, na punição negativa um comportamento passa a ter uma nova consequência suprimindo rapidamente uma resposta.

As respostas emocionais desencadeadas pelo processo de elição podem influenciar comportamentos com efeitos colaterais do controle aversivo, de modo que uma criança quando pede para sua mãe um sorvete, e ela lhe nega sua intenção, e a criança em crise de choro demonstra todo o seu querer e desejo com intenção de adquirir a posse do objeto, e a mãe, em uma atitude em que a elição aflora arrependimento ou culpa pelo choro da criança, perverte a ordem original que instituía sua atitude disciplinar para fazer a vontade da criança, que observa como registro, uma experiência que deve ser repetida, que deve ser reforçada, - uma atitude reforçadora – para fazer com que esta criança abstraia no futuro esta informação, pela recordação como uma solução que deve novamente ser implementada e repetida a fim de obter pelo aumento do reforço do condicionamento do comportamento, novamente o objeto de desejo.

O paradoxo da aprendizagem por reforço negativo estabelece que um comportamento quando estimulado com reforço negativo amplia as chances do estímulo “motivar” a falha em um comportamento eliciado, inibindo o comportamento reflexivo capaz de ampliar a perspectiva da elição que colabora para o comportamento que retira o estímulo aversivo. É o caso de realçar as falhas de uma pessoa, prejudicando sua fixação sobre o comportamento do erro, em vez de gerir um comportamento de retirar a pessoa da condição de erro.

Um comportamento é suprimido por intermédio de uma punição tem efeitos além da medida restritiva impositiva, podendo moldar e afetar outros comportamentos ao qual o indivíduo vincule o elemento restritivo a sua ideação que restringe sua ação. O efeito de uma punição é o despertar de um comportamento que irá substituir a atitude padrão antes exercida por um indivíduo (resposta incompatível ou resposta controladora).

No contracontrole é uma relação de controle onde a parte controlada exerce uma nova resposta que impede que a pessoa controlada mantenha o controle sobre o seu comportamento. Na punição o contracontrole faz papel de objeto-âncora, como por exemplo, a visualização de um guarda de trânsito alertando para uma pessoa da necessidade de não ultrapassar o limite de uma lei, para não ser punido. No caso do reforço negativo o contracontrole faz papel de superego (lembrança suprime o estímulo aversivo), como por exemplo o agir da consciência prevenindo quanto a necessidade de se levar uma multa, vista como uma punição.

A punição pode surgir devido uma necessidade de conter uma imediaticidade da consequência, numa tentativa de tentar suprimir um comportamento. Ou como uma tentativa de controlar a eficácia não dependente da privação. Ou por uma questão de facilidade no arranjo das contingências.

Como um aprendizado de psicoeducação os processos de assimilação de conteúdo devem ser primar pela utilização do reforço positivo em vez de ser utilizado no lugar do reforço negativo. Assim como, por exemplo, extinguir um comportamento em vez de optar pelo comportamento de punição. Preterir pela utilização do reforçamento diferencial, ou seja, o comportamento que envolve reforço e extinção, como alternativa à extinção. Preterir pelo aumento da densidade de reforços para outras alternativas (reforço com mais frequência de outros comportamentos em vez da extinção ou punição ao comportamento principal).

Moreira e Medeiros reforçam que o controle aversivo deve ser evitado embora ele exista naturalmente no ambiente, mas que como medida racional deve-se sempre optar por um tipo de esforço positivo em que as intervenções sobre os indivíduos sejam exercidas por aspectos concordantes ou positivados.

V - Controle de estímulos: o papel do contexto

Este capítulo trata do agir de forma diferenciada em que um comportamento é moldado para sinalizar um padrão de conduta. Através de um controle antecedente do comportamento se constrói um controle de estímulos, onde a consequência gerada é um reflexo polido de uma atitude do indivíduo que se ajusta para corresponder a necessidade do ambiente e nivelar uma sensação de transmissão de prazer em se praticar determinado comportamento-resposta.

Um comportamento operante, no qual uma mudança ocorre sobre o ambiente e uma afetação, decorre desta mudança quando a variável CONTEXTO (estímulo discriminativo) é adicionada dentro de um modelo de compreensão cognitivo, o comportamento operante se torna discriminado onde as consequências reforçadoras são delimitadas dentro de uma área de projeção física. Os estímulos desencadeados antes do comportamento são chamados de estímulos discriminantes.

Através da inclusão no modelo comportamental do termo contexto na análise do comportamento se torna uma contingência de três termos (SD – R → C). Cada estímulo evoca uma resposta específica, nesta relação os estímulos antecedentes irão determinar o tipo de resposta em que uma necessidade de interação ambiental deverá ser ativada a fim da geração da consequência idealizada, ao qual se reforçada e fizer parte de um núcleo de rotina de um comportamento padrão de um indivíduo, irá sintetizar uma consequência reforçadora ao qual ancora uma probabilidade que irá ditar o rito do comportamento ao qual o indivíduo terá mais chances de desencadear em termos de processos somáticos de comportamento.

Uma Contingência tríplice ou contingência de três termos se aplica como unidade de análise do comportamento operante. Os estímulos discriminantes (contexto) estabelecem um padrão em que o gerenciamento cognitivo permite perceber os estímulos como uma construção reduzida do plano Real (vista por este estudante como um conceito de Lacan), em que o tridimensional percebido é reduzido, no ponto de captação de um indivíduo das impressões ambientais, em que as respostas se inscrevem ecologicamente dentro da limitação no espaço onde a mente se concentra para conceituar elementos identificáveis a partir de seu foco e atenção (é comportar-se sob determinado controle de estímulos), no qual é possível aproximar a consequência desejada, se o indivíduo deter controle sobre as leis que regem o microcircuito (contexto) em que a junção da perspectiva é lançada.

Os estímulos discriminativos são aqueles que ativam respostas reforçadoras a fim de alcançar a consequência desejada. Os estímulos delta são aqueles que não ativam respostas reforçadoras, em vez disto, gera a indisponibilidade do reforço ou sua extinção.

Quando um estímulo possui uma alta probabilidade de ocorrer é possível gestar um controle sobre ele a fim de um treino discriminativo possa ser gerenciado para ativar a função resposta necessária para que a consequência ideal seja canalizada, onde um comportamento é reforçado na presença de uma descriminalização (contexto) por intermédio de um conhecimento que é evocado para que a resposta possa ser reproduzida ambientalmente, em que um reforçamento diferencial contrapõe estímulos discriminantes e estímulos Delta, onde os primeiros são realçados por elementos pulsionares internos no indivíduo, e os segundos colocados à margem no inconsciente (inibido), tecendo uma relação de apoiadores no processo de elevação dos elementos cognitivos discriminantes que irão influenciar o nível de expressão de um indivíduo.

O estímulo discriminativo não elicia uma resposta, apenas permite que as chances de que a resposta estava contida dentro do evento seja provável e possível de ocorrer. Portanto, o saber que o estímulo discriminativo está incluso num cenário gera uma expectativa de atração, em que um indivíduo pode usar o seu conhecimento para ativar processos e afastar outros que seu desejo de síntese de correspondência com a urgência ambiental necessite que seja adormecido ou extinto, mesmo que temporariamente.

A generalização de estímulos operante indica sempre uma propensão que um indivíduo mantém para gerar mesmo efeito de correspondência diante de inicializações de comportamento de mesma ordem, onde o fato gerador do comportamento indica uma situação-conflito cuja impressão sinaliza ser um evento antes catalogado. Esta lei permite observar que outros tipos de respostas requisitadas são mais fáceis de serem ativadas em virtude que a generalização, serve para criar uma classe onde os instanciamentos psíquicos ficam armazenados em grau associativo de insurgência, no quais as discriminações servem para reter o conhecimento que irão sintetizar o conhecimento retido dentro da junção ou classe. Moreira e Medeiros cita como exemplo uma criança que tenha assimilado o conceito de bola de futebol, e ao se deparar com qualquer outro objeto similar, como por exemplo uma bola de vôlei irá associar ao primeiro conceito percebido que foi generalizado.

Quando um discriminante possui muitas variações é possível perceber um gradiente de generalização em que maior ou menor grau, um indivíduo percebe uma diferenciação entre os estímulos (Ex.: bola de futebol, bola de vôlei, bola de basquete, bola de futebol americano, bola de golfe, bola de tênis, bola de gude).

Um teste de generalização pode ser construído a partir da percepção de diferenciais sobre o reforçamento em que um indivíduo identificado com uma cena projetiva, é capaz de compor em maior ou menor graus de estímulos discriminantes e estímulos delta, que permitem codificar o gradiente de generalização, onde o teste deve ser realizado preferencialmente sobre os estímulos em extinção.

Moreira e Medeiros esclarecem que o reforçamento diferencial produz um gradiente de generalização mais estreito, ou seja, diminui a generalização e aumenta a discriminação.

Quando as respostas são reforçadas em outras variações de comportamento ocorre um processo de modelagem de efeito do reforçamento sobre o gradiente de generalização. Desta forma quando uma Classe é ativada dentro de uma resposta, o reforço adicional ao estímulo irá agregar a informação nova dentro do gradiente percebido, tornando a classe mais robusta em termos de estímulos discriminantes que irão ativar o gradiente de generalização.

As classes de estímulos podem ser compreendidas em torno de junção de dois núcleos distintos de informações, para uma melhor compreensão didática: classes por similaridade física, e, classes funcionais.

Os estímulos que possuem classes de estímulos de generalização de junção física formam coletivos a partir de aproximação de elementos e unidades a serem associados por meio da pareontologia de sua constituição tridimensional. Por exemplo: uma cesta de bolinhas de gude.

Os estímulos que possuem classes de estímulos de generalização de junção funcional formam coletivos a partir de aproximação de elementos e unidades a serem associados por meio de ativação de mesma resposta. Por exemplo: uma banca de hortaliças.

O controle de uma dimensão diferenciada do estímulo discriminativo permite observar distintas associações de respostas para um mesmo estímulo. Num processo de controle de esvanecimento, a dimensão do estímulo é gradualmente modificada a fim de gerar o efeito de fixação, como por exemplo, pontilhar uma escrita cursiva, em níveis progressivos de dificuldade, para que a criança aprenda a escrever uma palavra ou ideia.

Skinner observou uma abstração, como sendo uma emissão de um comportamento sob controle de uma propriedade, ou várias, do estímulo, comuns, e que não fica sob o controle de outras propriedades, isto permite que se evoque uma construção para ativar um conceito, no qual Skinner trabalhou numa dimensão onde não se percebe conceito como objeto.

Moreira e Medeiros percebem abstração como uma generalização dentro da mesma classe e uma discriminação entre classes diferentes. Assim subscrevem dois processos dentro de uma mesma formação de ideias, em que os atributos ganham uma particularidade, na construção de uma identidade que o inscreve em uma generalização e discriminação entre subclasses diferentes. Num conceito visto como um objeto, tirado das Neurociências cognitivas e teoria Freudiana, que não é a dimensão de Skinner, a sustentação do elemento seria uma ideação em que os estímulos retidos iriam elevar os de maior intensidade e magnitude, os atributos de menor intensidade e magnitude seriam a sustentação de uma rede neural que permite a um indivíduo evocar quando necessário as informações aparentes que estão disponíveis conscientemente. Os insumos situados topograficamente no inconsciente fazem o papel de discriminantes internos, que se inicializados dão acesso a ativação de respostas programáticas em que alguns caracteres ou atributos estão visíveis. É este segundo contexto percebido como objeto, porque o engrama atribui para si elementos pulsionares em que o sistema fisiológico está apto a corresponder com a resposta necessária para que o conceito emerja sobre a linha de expressão. Skinner se preocupou com os processos de encadeamento de respostas e com o reforço condicionado e incondicionado, no qual a dimensão está restrita ao conhecimento de transição de atributos fornecidos por intercâmbios de processos metacognitivos que fixa as trocas entre processos: discriminantes, respostas e consequências.

VI - Esquemas de reforçamento

Quando uma resposta é emitida ela pode sofrer ou não reforço. Muitos de nossos comportamentos são intermitentemente reforçados. Também um comportamento pode estar estatizado, e não requerer mais reforçamento, pois o reforço já está presente nos termos de sua ativação. Os Esquemas de reforçamento são critérios que se observados colaboram para ativar o reforçamento de um estímulo a fim de que sua probabilidade de ocorrência possa ser catalogada.

Um esquema de reforçamento pode ser um esquema de reforço contínuo ou um esquema de reforço intermitente. No reforço contínuo a resposta se estabelece sobre processo de reforçamento. No reforço intermitente uma experiência é experimentada, mas ainda não convergiu para uma probabilidade de reforço.

Mas o que leva no cotidiano um comportamento sofrer uma ação de reforço, já que nem todos os comportamentos são reforçados? Por que nem todas as respostas são seguidas de reforço? O número de respostas para que um comportamento seja estatizado deve seguir um padrão de condicionamento, que permita a um indivíduo integrar sua necessidade operatória ou respondente a um vínculo associativo que cria um aprendizado interno de correspondência ambiental de caráter genérico ou modal no qual a rede neural está suficientemente modulada para ser utilizado dentro da função e da classe física que um estímulo se propõe a integrar um indivíduo em termos de sua necessidade vital e a necessidade ambiental.

Existem diversos esquemas de reforçamento intermitente, os principais são: FR (razão fixa), VR (razão variável), FI (intervalo fixo) e VI (intervalo variável). Nos qual o número de respostas para cada reforçador é a forma de organização encontrada para caracterizar cada tipo de esquema.

Nos esquemas de razão – FR ou VR – coexiste um determinado número de respostas de acordo com a ativação de cada reforçador necessária para estatizar o comportamento como um componente padrão de resposta de um indivíduo. Um exemplo é moldar um comportamento para reagir conforme uma instrução estática, ***beber água após ingerir 30 gramas de pimenta***.

No esquema de razão fixa o número de respostas para ativar um conceito, visto como uma elição ou consequência é constante ou percebido como um quantificador homogêneo ou estático. No esquema de razão variável o número de respostas para ativar um conceito, visto como uma elição ou consequência é variável ou percebido como um quantificador heterogêneo ou dinâmico. Um exemplo é moldar um comportamento para reagir conforme uma instrução dinâmica, **preparar manualmente o tempero de um café**, que conforme outras variáveis físicas, pode requerer mais ou menos concentração de açúcares.

Nos esquemas de intervalo – FI ou VI – o número de respostas não é importante, no qual apenas uma resposta é suficiente para estatizar o comportamento como elição ou operação.

No esquema de intervalo fixo – FI – o tempo latente, que é o intervalo entre uma resposta e outra é suficiente para determinar a ativação e disponibilidade do último reforçador. Se o comportamento está dentro do período de latência, então o reforçador anterior é suficiente para ativar o conceito elidido ou operante no indivíduo que ativou o princípio ou funcionalidade. Um exemplo é moldar um comportamento para reagir conforme uma instrução estática, ***comer a cada 3 horas***.

No esquema de intervalo variável – VI – o tempo latente, que é o intervalo entre uma resposta e outra é variável para uma ativação e disponibilidade do último reforçador, se o comportamento está ancorado a uma situação contingencial capaz de ativar um período de latência, então o reforçador anterior é suficiente para ativar o conceito elidido ou operante no indivíduo que ativou o princípio ou funcionalidade. Um exemplo é moldar um comportamento para reagir conforme uma instrução dinâmica, ***comer tomates todas as vezes que o preparo de uma refeição tiver a hortaliça-fruto como ingrediente culinário***.

Um reforçador é perdido quando deixa de ser utilizado, por uma simples razão que a Lei de Entropia faz com que o tempo de disponibilidade perca a condição elidida ou operante, no qual a rede neural que se formou criando o reforçador, não sustenta mais seu calibre a fim de ativar o princípio ou funcionalidade. Neste caso a resposta deixa de estar disponível. No qual um novo processamento da informação é requerido para que um dos esquemas, FR (razão fixa), VR (razão variável), FI (intervalo fixo) e VI (intervalo variável); seja ativado a fim de provocar o efeito reforçador sobre um comportamento.

Os esquemas de reforçamento intermitentes tendem a produzir uma frequência maior de respostas que um esquema de reforçamento contínuo, porque um número maior de respostas é necessário dentro deste modelo até que o reforço seja ativado e também porque em comportamento reforçador fixo, um comportamento reforçado por reforçadores primários ou incondicionados é muito mais rápido de ser ativado do que os comportamentos reforçados no modelo de reforçamento intermitente.

Moreira e Medeiros afirmam que o reforçamento contínuo é muito mais eficaz para a aquisição de um novo comportamento do que o intermitente. Os esquemas intermitentes e variáveis são mais resistentes à extinção da resposta, portanto detém a capacidade de reter na maioria das vezes a manutenção de uma resposta.

O padrão de comportamento que surge devido uma extinção da resposta, como modelo de comportamento, difere entre um esquema de reforçamento intermitente e um modelo de reforçamento contínuo. Moreira e Medeiros observaram que uma extinção após reforçamento contínuo gera um aumento na frequência de respostas e depois, num instante após uma latência, a resposta deixa de ocorrer rapidamente, onde é possível identificar componentes ou respostas emocionais como negação ou punição com menor magnitude. Os efeitos produzidos por uma extinção de resposta em um comportamento de reforçamento intermitente gera um efeito estressor mais ameno, não é seguido de um aumento da frequência da resposta e nem tão pouco externalidades como respostas emocionais, após um certo período de latência ou inatividade, como uma negação ou punição com menor magnitude. Os esquemas de resistência a extinção da resposta são mais evidentes em esquemas intermitentes do que em esquemas contínuos.

Em termos de estrutura do comportamento os esquemas são submetidos a constatação de dois padrões de comportamento: dados de transição e dados estáticos. Os dados de transição o reforçamento transita entre duas ou mais contingências em que a fase de adaptação ainda está em processo de formação. Já os dados estáticos os comportamentos já estão estatizados obedecendo a princípios físicos ou funcionalidades.

O padrão de reforçamento fixo – FR – estabelece um reforço, como estrutura de probabilidade que é aumentada a cada novo estímulo ambiental, em que taxas de altas respostas passam a ser percebidas com maior frequência. Porém que uma pausa após o reforço neste modelo de reforçamento é percebido logo após o reforço, como se abastecesse a partir da canalização de um limiar para o reforçamento.

O padrão de reforçamento variável – VR – não são observadas pausas entre as respostas, porque não há um registro estático de respostas que determine os processos de implicação física ou funcionalidade das respostas. Os esquemas VR apresentam altas taxas de respostas.

O padrão de reforçamento intermitente fixo – FI – produz as menores taxas de resposta, porque o modelo não exige número de respostas para reforço, e o esquema apresenta as maiores pausas após o reforçamento, no qual pode ser identificado uma aceleração gradual no responder (scalop).

O padrão de reforçamento intermitente variável – VI – é um esquema de intervalo cujo padrão é uma taxa relativamente alta de respostas.

Em esquemas de razão quanto maior o valor do esquema maior a frequência das respostas e maiores serão as pausas após o reforço. Nos esquemas de intervalo quanto maior o valor do esquema maiores serão as pausas após o reforço e menores serão as frequências de respostas.

O esquema não-contingente e o comportamento supersticioso são liberados independentemente de uma resposta específica. São esquemas temporais, sem a necessidade da emissão de uma resposta. Moreira e Medeiros cita como exemplo eventos climáticos, que não são necessários emitir algum comportamento prévio (contingência).

O esquema de tempo fixo apresenta reforçadores de tempos regulares, mesmo sem emissão de resposta. Um exemplo clássico é a data exata para recebimento de um pagamento de trabalho de carteira assinada.

O esquema de tempo variável apresenta reforçadores de tempos irregulares, mesmo sem emissão de resposta. Por exemplo, uma expectativa que se forma do resultado de uma partida de vôlei e a seguinte em um campeonato específico.

Existem esquemas reguladores da velocidade do responder que se utilizam de reforçamento diferencial, no qual a taxa ou velocidade com que uma resposta é emitida, o responder rápido ou lento é reforçado.

No reforçamento diferencial de altas taxas de respostas – DRH – é um esquema que reproduz respostas rápidas, onde somente taxas altas de respostas são reforçadas. E este tipo de reforçamento somente ocorre se for emitido dentro do tempo predeterminado para a ativação do reforço. Por exemplo, um exercício que exige números de acerto num determinado tempo cronometrado.

No reforçamento diferencial de baixas taxas de respostas – DRL – as respostas serão reforçadas através de espaçamentos temporais. Por exemplo, medicamentos que devem ser ingeridos por instruções temporais com espaçamentos definidos no receituário.

No reforçamento diferencial de outros comportamentos – DRO – é uma opção para reduzir a frequência de um comportamento sem a utilização de punição, no qual se reforça todos os outros comportamentos que retirem a primazia de utilização do comportamento reforçador que se deseja extinguir a resposta. Por exemplo, realçar os aspectos positivos de uma pessoa que esteja em depressão, para que ela visualize aspectos relevantes de sua personalidade retirando seu pensamento com o vínculo da dor psíquica, desprazer ou consternação.

Os esquemas compostos envolvem a combinação de mais de um esquema: múltiplos, mistos, concorrentes, encadeados, ecológicos, sistêmicos ou orgânicos, geralmente observados como sendo esquemas de segunda ordem.

Nos esquemas múltiplos e esquemas mistos ocorrem a alternância de mais de um esquema de reforçamento cuja alternância pode ser em virtude de vigorar um comportamento sob uma métrica temporal, ou número de respostas, ou número de reforçamentos obtidos, onde não há estímulos discriminativos para sinalizar o esquema em vigor no esquema misto, já no esquema múltiplo cada componente entra em vigor num determinado tempo.

Os esquemas encadeados permitem estudar cadeias comportamentais, onde a ocorrência de um reforço sinaliza um estágio seguinte. Como no esquema múltiplo, o esquema encadeado, também cada componente entra em vigor num determinado momento, porém, a ordem de surgimento é observada como necessária para a geração de uma procedure de causas, efeitos e consequências.

Os esquemas concorrentes e a Lei da Igualação, os primeiros, ocorrem quando duas ou mais forças de recursos estão disponíveis ao mesmo tempo. Este tipo de esquema é auxiliar na catalogação de processos subjetivos onde se observa um rol de preferências sobre as respostas de comportamento. A Lei da Igualação, estabelece as relações que podem ser catalogadas de respostas desencadeadas por organismos vivos quando esquemas concorrentes estão em vigor, no qual o comportamento é condicionado a um regramento subjetivo de preferências.

Os esquemas ecológicos, sistêmicos ou orgânicos não foram descritos por Moreira e Medeiros.

VII - A análise funcional: aplicação dos conceitos

Uma das tarefas de um psicólogo é a identificação do comportamento humano, para identificar as consequências que a perseguição ao comportamento gera de ocupação em um indivíduo. Desta forma é possível modificar o comportamento, aprender a moldar este comportamento dentro de um processo de escolhas que permitam moldar o contingenciamento do reforçamento do estímulo, para que a relação entre o ato e consequência pode refletir num comportamento que não seja gerador de dor psíquica e aproxime um indivíduo de fluir sobre princípios de prazer.

Uma conduta antiga pode ser mudada, alterada ou ter subtraída o seu funcionamento. Medeiros e Moreira afirmam que essa é a essência da análise de contingências: identificar o comportamento e as consequências, alterar as consequências, ver se o comportamento muda.

Uma análise funcional através da essência do comportamento é possível identificar relações de funcionamento do comportamento individual e suas consequências. Seus paradigmas fundamentais são o comportamento respondente e operante, onde se busca identificar os determinantes que ativam o comportamento.

Para Skinner existem três níveis de causalidade: Filogênese, Ontogênese individual, e, Ontogênese Sociocultural.

Na Filogênese, a base da construção do comportamento são os princípios de evolução da espécie, no qual a filogênese ancora na genética para a explicação do comportamento desencadeado.

Na Ontogênese Individual a interação do meio com o indivíduo durante todas as suas fases e etapas de vida é determinante do tipo de comportamento desencadeado.

Na Ontogênese Sociocultural as variáveis grupais são determinantes do tipo de comportamento desencadeado, no qual a cultura tem um papel fundamental para estabelecer a função reforçadora ou aversiva de um indivíduo em sociedade.

Em todo caso deve-se observar as trocas entre os organismos e o ambiente. Na análise comportamental se nega trabalhar com as dimensões de identificação de traços de personalidade, emoções, vontade, desejo, impulso, tomada de decisão, ... que são componentes de comportamentos e não podem ser colocados como causas de outros comportamentos. Sob este princípio para explicar, predizer e controlar um comportamento, conforme Skinner, é necessário analisá-lo funcionalmente, no qual os determinantes se situam no ambiente externo e no plano interno.

A topografia do comportamento (seja sua forma, ou estrutura) não é estudada na análise de comportamento, o mais importante é a compreensão da funcionalidade do comportamento.

A compreensão do comportamento respondente é fundamental para compreender o funcionamento das emoções e dos sentimentos. Assim, se em uma pessoa, se um abraço elicia uma resposta de apreço, as relações funcionais do estímulo associam-se neste indivíduo como um comportamento que se identifica com conteúdos emocionais de empatia.

No caso do comportamento operante, uma situação que se ativa, vista por exemplo, como o recebimento do resultado de um exame de gravidez por uma mulher, que serve de ocasião para gerar uma resposta de interesse cujo contato é uma ligação telefônica para anunciar o fato ao seu marido, que irá produzir como consequência o despertar da emoção como lágrimas de felicidade pelo feito.

Medeiro e Moreira definem controlar comportamento como apenas tornar sua ocorrência mais ou menos provável, onde a análise do comportamento busca simplesmente entender melhor como funcionam essas relações de controle funcionais.

Alguns casos, as contingências atuais não explicam o padrão de comportamento em uma análise, como no caso de respostas incompatíveis (aquelas negativamente reforçadas por terem sido evitadas pela via de punição), no qual o registro anterior interfere sobre o registro atual do comportamento em termos da funcionalidade da contingência do comportamento. Por exemplo, sofrer uma desilusão com uma pessoa que trabalhe em uma livraria, e adotar um comportamento impeditivo de acesso a livros e também do vínculo de qualquer pessoa que trabalhe em uma livraria, como uma punição que se reforça sobre o trauma sofrido.

Uma consequência do comportamento pode aumentar por um acréscimo de estímulo do ambiente (reforço positivo). Ou o estímulo retirado do ambiente em que a consequência é um reforço (reforço negativo). No caso do comportamento em que um estímulo é retirado, mesmo quando o estímulo estava presente, o reforço negativo desencadeia um comportamento de fuga. No caso do comportamento em que um estímulo é retirado, sendo o estímulo ausente do ambiente, o reforço negativo desencadeia um comportamento de esquiva. Se a consequência do comportamento diminuiu pode ser que o comportamento tenha produzido a paralisia de uma consequência reforçadora através de um processo de extinção operante. Ou, se a consequência do comportamento diminuiu pode ser que o comportamento tenha produzido uma medida restritiva em que um estímulo tenha sido acrescentado do ambiente como uma punição positiva, e se o estímulo for retirado do ambiente, representar uma punição negativa.

Vejam a seguinte situação conflitante:

Hilyers não consegue se conter quando vê uma pessoa de mesmo sexo em que os vincos da calça fazem sobressair a curvatura do membro em outro homem, o vinco da calça serve de ocasião para ativar a ereção de Hilyers que reproduz como resposta o desejo dentro de si de praticar o sexo com uma pessoa de mesmo gênero. (Reforço positivo)

Quando Hilyers tem contato com vínculo da calça apertada de outro homem, ao mesmo tempo serve de ocasião para despertar um sentimento moral de repressão em não se deixar levar pela necessidade da carne, e por um breve instante desenvolve a percepção da lembrança de sua esposa, que irá reproduzir o efeito dentro de si da transferência e identificação da cópula com sua mulher. (Punição positiva)

Nos dois parágrafos acima em uma mesma situação se registra comportamentos que desencadeiam duas contingências em uma mesma pessoa, uma que aumenta a sua probabilidade de ocorrência e outra que serve para reter e diminuir a intensidade de sua aplicação como modelo de comportamento.

Então Hilyers está diante de duas alternativas com magnitudes diferentes, onde neste exemplo, a magnitude de vir a praticar sexo com outro homem é curta, e os fatores morais que o integram a necessidade de manutenção de seu comportamento afetivo com sua mulher traz uma magnitude longa, no qual as consequências aversivas de se terminar o relacionamento estável pesam mais sobre ele do que ter um encontro casual com outro homem.

A predição do comportamento é o conhecer um pouco melhor em que circunstâncias as pessoas desencadeiam ações, pensam, sentem e refletem sobre si mesmas e o ambiente, no qual se permite perceber com um grau de certeza, ou probabilidade, que um evento ocorra como expressão do comportamento desencadeado.

No que se refere ao controlar do comportamento sinaliza um tipo de associação onde um vínculo de consciência condiciona um agir de um indivíduo no qual altera a probabilidade da pessoa perseguir o comportamento por meio da influência do estímulo, como por exemplo, dizer a uma pessoa solteira que o casamento é a melhor coisa que pode acontecer para um homem, que irá servir como influência, de base de controle, que irá direcionar o pensamento do indivíduo solteiro para se aproximar do objetivo de se unir maritalmente com outra pessoa.

VIII - Atividades de Laboratório

Uma teoria somente pode ser comprovada se submetida a um teste empírico, conforme expõem Medeiros e Moreira. No qual o conhecimento extraído da prática, geralmente no laboratório, situações controladas podem ser utilizadas para avaliar teorias. O estudo do comportamento pode ser desenvolvido dentro destes laboratórios a fim de que uma compreensão sobre nossa própria espécie possa ser catalogada; e em virtude do acréscimo de conhecimento, os fatos novos identificados serem utilizados como material de consulta para correções de aspectos conflituosos e problemas que afligem as interações humanas com outros seres, em relação ao próprio indivíduo e o ambiente.

A teoria da Evolução de Charles Darwin afirma que existe uma continuidade biológica entre as espécies, por este motivo os funcionamentos fisiológicos de muitas espécies possuem grau de parentesco umas com as outras. Razão que faz um ser humano, preferir testar uma toxina que irá se converter em tratamento em um animal num laboratório, em vez de testar em sua própria espécie, pois se assim fosse, primariamente, o risco em prejudicar a si próprio em virtude de uma falha não controlada seria maior o que poderia resultar em perdas humanas.

Portanto o comportamento animal segue uma lógica de funcionamento em que aspectos orgânicos apresentam determinadas similaridades. À medida que a necessidade humana segue um modelo de antecipação de descobertas e alocação do conhecimento na forma de equipamentos de precisão, o uso racional de cobaias, vistas a partir do estudo de outras espécies, tem se pautado por princípios morais e éticos que limitam o sofrimento dos animais e uma qualidade de vida racional que compense o aprisionamento de algumas espécies em laboratório. Conforme a necessidade de estudo vírus, bactérias, fungos, leveduras, plantas, pombos, ratos, insetos e macacos são os principais grupos de espécies utilizadas em laboratórios. O avanço tecnológico passa a limitar o número de cobaias, e opta pela extração do conhecimento a partir de métodos computacionais de precisão que simulam a vida tornando necessário um número cada vez menor de indivíduos de outras espécies. Muitos medicamentos descobertos para os seres humanos a partir de cobaias, também passaram a serem introduzidos dentro da área de Veterinária, Zootecnia e Pecuária, no qual também se tornou funcional para tratamento de várias espécies de animais, o que representou um ganho significativo da qualidade de vida das espécies envolvidas nos estudos inclusive a humana.

Algumas manipulações tais como: intervenções cirúrgicas, aplicação de choques, privação de água, privação de alimento, exposição a eventos estressantes e administração de fármacos, geralmente sofrem limitação de legislações, por este motivo animais são condicionados para que um experimento seja realizado a fim de suprir uma necessidade da espécie humana. Da mesma forma que possa parecer cruel dar choque em um animal ou submetê-lo a elementos tóxicos ainda não comprovados quanto o seu teor destrutivo, princípios éticos, leis e recomendações internacionais são instrumentos que orientam para o uso de técnicas dentro de parâmetros de estudo que não revertam em tortura, mãos tratos e dor psíquica para as cobaias. Razão que se o estudo do comportamento animal é utilizado para explicar o comportamento humano, validar procedimentos classificados como de extermínio num processo de aprendizagem irá refletir sobre as conclusões obtidas como consequências diretas e perigosas para a obtenção de resultados, no qual o viés da pesquisa é transformado em subjetividade incorporada as conclusões obtidas através de tais procedimentos, invisíveis e inconscientes ao olhar clínico de um pesquisador.

Um laboratório de condicionamento operante testa na prática (empiricamente) hipóteses que são formuladas em que eventos são transcritos para serem situados em ambientes fechados e controlados.

Medeiros e Moreira esclarecem que em um experimento de psicologia deseja-se saber o tipo de evento que altera o comportamento de um organismo vivo, afetando a sua cadeia lógica reativa já estabelecida, e o que isto vem a representar de impacto para uma espécie. Os efeitos são estudados isoladamente, para que as leis que regem o comportamento possam ser estudadas em termos de unidades de influência do estímulo físico sobre uma espécie.

Uma caixa de condicionamento operante é um tipo de ambiente projetado para que um ou mais indivíduo corresponda a uma rotina de trabalho no qual o conhecimento da influência das variáveis isoladas na situação possa convergir no ensinamento que trará a lei física, como modelo comportamental que irá dizer o efeito que a variável ambiental interfere sobre um organismo vivo.

Um experimento deve passar por três etapas: o registro do nível operante, treinamento da cobaia para reagir ao comportamento, e, o processo de modelagem do experimento. Intervenções sobre as variáveis dentro de um ambiente controlado podem ser desencadeadas a fim de que os diferenciais de comportamento observados possam ser refletidos em entendimentos complexos.

O nível operante de uma cobaia deve ser registrado antes, durante e depois que um experimento seja realizado a fim de que o contraste das informações possa servir de coleta de informações para saber que tipo de influência condicionada está provocando a variação do comportamento sobre a estrutura comportamental do indivíduo estudado.

As frequências do comportamento avaliado servirão como métricas que compõem estruturas de dados que permitem fazer matematicamente e estatisticamente inferências sobre os modelos de comportamento avaliados, nos quais serão possíveis estabelecer relações lógicas e empíricas sobre as evidências levantadas a fim que os aspectos quantificadores estabeleçam uma relação causal de comportamento.

O registro do nível operante irá levantar as variáveis, como modelo de comportamento correspondente a um quantitativo de ação (número de ocorrências) no qual uma cobaia se propõe a moldar o seu comportamento, a fim de ocupar o seu tempo com algumas atividades rotineiras, como: beber água, comer, descansar, farejar, levantar ou limpar-se.

O treino do animal em uma atividade de laboratório é realizado através de aprendizado com motivação. Em que um processo de reforço irá ser sugestionado para o animal toda vez que ele corresponder a ação planejada pelo cientista. De forma por exemplo, que se é desejo de um cientista que o ratinho fique obeso na caixa de condicionamento operante, é oferecido alimento cada vez mais cedo para a cobaia para que ela sinta necessidades cada vez mais rápidas de se retroalimentar a partir do consumo de alimentos.

Assim o comportamento condicionado é criado associativamente no animal para que um experimento possa começar a ser administrado para que uma ou mais hipóteses do corpo científico possa ser respondida por meio do processo empírico.

Um condicionamento irá gerar a gestão de um modelo de interação com o ambiente controlado, que visa uma adaptação de correspondência do animal, que torne uma cobaia apta para se guiar por uma recompensa, que vise a sua própria continuidade.

Um comportamento aprendido que corresponda a um modelo deve ser reforçado para a consolidação do processo de aprendizagem do animal, e os comportamentos que não são de interesse para o experimento, quando possíveis, e caso seja prévios ao experimento, devem ser extintos, para que efeitos indesejáveis não sejam reproduzidos no ambiente controlado.

Um comportamento intermitente pode ser reproduzido em laboratório através de um esquema de reforçamento de base de razão fixa ou razão variável, intervalo fixo ou intervalo variável, no qual a escolha do modelo irá depender dos objetivos descritos na metodologia que sinalizem o tipo de comportamento que deverá ser mapeado para responder uma hipótese delimitada.

Nem todo estímulo exerce controle sobre o comportamento de um indivíduo, portanto alguns tipos de experimentos podem exigir que estímulos discriminativos sejam utilizados para que o papel de um contexto possa ser avaliado. No qual um experimento pode ser visualizado como uma contingência de três termos. Onde o corpo científico poderá elaborar uma rotina através de um treino discriminativo onde a cobaia irá optar pela contingência, vista como um modelo de escolha, em que o seu comportamento fica mais influenciado a reagir a uma ou mais variáveis de seu condicionamento, no qual se institui uma preferência como modelo de correspondência que deve o animal desencadear o comportamento a ser avaliado.

IX - B. F. Skinner, análise do comportamento e o behaviorismo radical

O criador e maior expoente da análise comportamental é Burrhus Frederic Skinner (20 de março de 1904 – Nova York/USA), formado em Letras e pós-graduado em psicologia e PhD em psicologia da Universidade de Harvard enquanto o Behaviorismo Radical (Filosofia da Ciência do Comportamento) se encarregou de aprofundar a concepção de ser humano, as concepções epistemológicas, proposta de objeto de estudo da psicologia, modelo de causalidade e discursões conceituais de fenômenos psicológicos.

Skinner ganhou várias homenagens, entre elas a Medalha Nacional da Ciência (1968); a Medalha de Ouro da American Psychological Foundation (1971); Distinguishe Scientific Contribution Awards da American Psychological Association.

Skinner se preocupou em conhecer as relações do comportamento humano, a fim de que brotasse a compreensão que levasse ao conhecimento da própria essência e natureza humana. Sua crença era que a psicologia de sua época poderia ser estudada como uma cadeira das ciências. Onde a ciência era vista por representar um caminho mais rápido e seguro para construção do conhecimento.

O estudo de laboratório de Skinner possibilitou inúmeras conclusões que são a base de hoje da teoria psicológica em todo o mundo, que serviram para a clínica, organizações, escolas, contexto hospitalar, esportes, educação especial, tratamento do autismo, comunidades, planejamento cultural, tratamento psicopatológico, psicologia jurídica, auxílio de crianças com déficit de aprendizagem ou atenção, ...

Medeiros e Moreira, apontaram que Skinner escreveu e pesquisou que as obras do Doutor contemplaram uma ampla dimensão de entendimento: aprendizagem, desenvolvimento, memória, ansiedade, o self, a subjetividade, a consciência, as psicopatologias, a criatividade, o pensamento, a cognição, as emoções, a personalidade, a linguagem, os aspectos sociais e culturais do ser humano, as vontades, os desejos, os insights e a introspecção. E o grau de importância de sua contribuição foi comparado aos estudos de Freud, Jung, Adorno e Moreno.

Skinner publicou 20 livros e quase 300 Artigos, sendo as principais obras: O Comportamento Verbal; Ciência de Aprender e a Arte de Ensinar; Ciência e Comportamento Humano; Superstição em Pombos; Os Efeitos de Certas Drogas e Hormônios no Condicionamento e na Extinção; Uma Conferência sobre como Escrever um Poema; A medida da Atividade “Espontânea”; A Aliteração nos Sonetos de Shakespeare: Um estudo sobre o comportamento literário; O que é comportamento psicótico?; O Planejamento de Culturas; O Estudante Criativo.

A compreensão do ser humano em interação com o ambiente é o objeto de estudo da Análise do Comportamento. No qual se abstrai os conceitos de condicionamento pavloviano, contingências de reforço e punição, esquemas de reforçamento, o papel do contexto, discriminação de estímulos, condicionamento operante, estímulo respondente e aprendizagem. Para Skinner ambiente abrange tanto o mundo físico quanto o mundo social.

Enquanto a Análise comportamental estabelece uma abordagem meramente psicológica, o Behaviorismo radical estabelece a filosofia da ciência do comportamento. Skinner rompeu com o dualismo das ideias e implantou o monismo e passou a não considerar como ocorrências, mas como comportamentos, os pensamentos, sentimentos e emoções por expressarem aspectos internos difíceis de obtenção de prova científica que correspondesse uma necessidade de validação da análise comportamental como ciência.

X – Conclusões

A base da análise do comportamento é o reflexo, que surge a partir de um gradiente de estímulo que é incorporo por um organismo vivo que a partir de um reflexo inato estimula um indivíduo na produção de uma resposta.

Neste contexto, é possível perceber duas componentes físicas fundamentais, a intensidade do estímulo e a magnitude da resposta. No qual é possível estabelecer para o reflexo leis fundamentais: a lei da intensidade e magnitude; a lei do limiar; a lei da latência; e, a lei da correspondência. E leis de variações físicas conhecidas como lei da intensidade-magnitude.

Os reflexos para produzirem respostas ambientais necessitam passar por um processo de elição que é a tríade: de evocar, fazer sair e tirar, num processo claro que faz sentido pensar cognitivamente em uma requisição de informações em nível mnêmico.

As elições quando fornecem respostas sucessivas por meio da repetição podem passar por dois processos> habituação e potenciação. Na habituação a resposta passa por um processo de acomodação e na potenciação o efeito da habituação se acumula no qual a resposta ao estímulo passa a ficar imperceptível.

Os reflexos estão intimamente ligados aos conteúdos emocionais, porém Skinner preferiu trabalhar o conceito de emocional como um comportamento observável.

Medeiros e Moreira introduziram em seu livro conceitos de estímulos inatos, que são aquelas predisposições de estímulos cujas respostas são incorporadas a estrutura adquirida de um ser vivo através de sua fusão de nascimento, como um aprendizado genético repassado de uma geração para outra pela espécie.

Ivan Petrovich Pavolov contribuiu com a Análise do Comportamento com a descoberta do reflexo apreendido que é a base da assimilação de um conteúdo e dos processos de aprendizagem humana.

O condicionamento pavloviano muito contribuiu para o estudo das emoções. E através do aprendizado adquirido através deste conhecimento, foi possível sintetizar o conceito de Generalização respondente onde era possível visualizar uma classe de respostas *estabelece que o vínculo do indivíduo de uma espécie com a fonte ambiental não é suficiente para o aprendizado do reflexo, há necessidade que a repetição, ou seja, o condicionamento da atividade*.

Então um indivíduo sofre influências sobre o seu modelo de comportamento de respostas emocionais condicionadas comuns, da extinção respondente e recuperação espontânea, da interferência do contracondicionamento e dessensibilização sistemática, do condicionamento pavloviano de ordem superior, do comportamento operante, do comportamento respondente, do controle aversivo, da influência do contexto, dos esquemas de reforçamento, ... informações estas introduzidos através da análise laboratorial em que se destinava a análise do comportamento ser projetada como uma cadeira científica.

Enquanto o comportamento elidido as respostas são observadas a partir de um fator de influência interna sobre um estímulo proveniente do ambiente, o comportamento operante produz consequências no ambiente. Onde se constrói uma relação perceptiva de que o comportamento é afeto, como estrutura de controle, por suas consequências.

Assim, se um indivíduo recebe um bom dia quando chega em sua estação de trabalho, uma consequência direta observável pelo movimento reativo ao qual o faz anteriormente perceber o estímulo como sendo uma demanda ambiental, poderá gerar como consequência para o ambiente um efeito sonoro, onde a correspondência é a retribuição da saudação como um processo ligado a um comportamento emocional de sinalização de alta autoestima.

O controle do comportamento por suas consequências estabelece um valor perceptível em que as sinalizações ambientais interferem sobre as respostas internas de forma a condicionar um molde de consequências no qual influências ambientais e internas estabelecem um nível de intensidade e magnitude com que as respostas, em escala de correspondência, devem ser gestadas a fim de que a consequência desencadeada sobre o ambiente tenha a habituação esperada e o condicionamento ambiental que melhor adapte o comportamento do indivíduo as suas reais necessidades de sobrevivência.

O reforço, visto como um aprendizado pelas consequências, é o estabelecimento de um princípio de ativação de resposta, visualizado como uma probabilidade de chance definida de ocorrência, que quando estatizado define um princípio funcional ou físico para ativar uma consequência ambiental, como uma influência que parte do organismo biológico que gera uma modificação ambiental.

O estudo da Análise do Comportamento aponta para dois tipos de reforçamento: o natural e o arbitrário. E que um comportamento estabelecido pode ser extinto operantemente. Como também a existência de fatores que contribuem para uma espécie de resistência operatória da condição de extinção operante.

Fatores como o tempo de ativação de um estímulo foram estudados como influência a resistência à extinção, bem como a continuidade de um estímulo. Moreira e Medeiros fundamentou um processo de modelagem com base no processo de aquisição do comportamento.

Então, os autores estabeleceram que o aprendizado é possível, através de um controle aversivo, seja por um processo de contingência ou através de um comportamento punitivo.

Reforça-se no livro que o comportamento punitivo deva ser evitado, uma vez que o comportamento de reforçamento positivo é a via mais construtiva que deve um indivíduo adotar para influenciar o ambiente a fim de canalizar esforços em sintonia com as leis de sobrevivência.

Também se estudou, dentro do controle aversivo, o comportamento de fuga e o comportamento de esquiva. No controle aversivo punitivo negativo, a falta do estímulo condicionado inibi o comportamento de um indivíduo de praticar uma ação. No controle aversivo punitivo positivo, o reforçamento de um estímulo condiciona o sentido de punição como estrutura de comportamento ativada que afasta um indivíduo de praticar uma determinação ação.

O contexto passa a fazer parte dentro da Análise do Comportamento de um fator determinante, onde processos de discriminação operante exerce um controle sobre uma resposta desencadeadora de uma consequência. Em que é possível perceber um sistema de Contingência tríplice (contingência de três termos) onde a produção de um comportamento desencadeado sobre o ambiente tem a influência de uma variável-contexto.

Neste papel do contexto é possível distinguir duas componentes estruturais: os estímulos discriminativos e os estímulos delta. Os primeiros ligados aos estímulos que ativam a reposta; os segundos ligados a estímulos em que as respostas não são reforçadas.

Skinner afirmou que era possível criar e gestar um treino discriminativo para o controle das consequências através do controle dos estímulos ambientais, onde estas conclusões foram reforçadas a partir dos experimentos com ratos albinos, cães, e outros animais em laboratórios.

Observou também que era possível identificar classes de estímulos que podiam ser agrupados em famílias cuja parentologia do estímulo significasse um processo de comportamento de correspondências similares.

Nos esquemas de reforçamento foi possível estudar o reforçamento contínuo e intermitente e os principais esquemas de reforçamento intermitente: FR (razão fixa), VR (razão variável), FI (intervalo fixo) e VI (intervalo variável); e esquemas compostos.

O uso do laboratório da Análise comportamental foi uma tentativa de explicar cientificamente o comportamento humano através de estudos dimensionados onde as hipóteses eram testadas a fim de representar uma estrutura de comportamento que pudesse migrar da experiência fragmentada e ao mesmo tempo integral dentro das dimensões necessárias para sua explicação através do uso de animais, que era percebido como uma extensão onde o comportamento humano poderia ser aplicado o mesmo princípio, lei e relação de equivalência.

Burrhus Frederic Skinner foi o fundador e principal expoente da Análise do comportamento. Ele queria aproximar a psicologia do empirismo e sair do aspecto subjetivo das influências internas do pensamento e das emoções humanas, onde o seu campo de ação era dimensionado a partir das mutações e as interferências e as mudanças provocadas pelo homem através do seu vínculo com o ambiente. Formado em Letras e depois PhD em Psicologia em Harvard sua cadeira científica hoje integra um dos principais conteúdos de desenvolvimento da psicologia comparado aos principais expoentes desta área.

A vantagem de ter estudado este conteúdo foi perceber que é possível trabalhar psicologia cognitiva a partir da percepção da mutação ambiental provocada pela influência humana, e por meio das mudanças físicas estabelecer um princípio no qual o condicionamento interno de um indivíduo atua para desencadear respostas e consequências sobre o ambiente.

Sob este ponto de vista, é possível para um neurocientista ou um psicólogo, compreender as conexões que um indivíduo estabelece consigo mesmo através das interconexões com o ambiente para ter o tipo de intervenção necessária que requer um profissional da área de saúde, em administrar uma técnica para a compreensão do adoecimento psíquico e da dor psíquica, sem invadir diretamente a área exclusiva de funcionamento de um paciente.

Do ponto de vista profissional ter estudado Análise do Comportamento foi possível interconectar o conhecimento em vários núcleos de pesquisa e leitores de minhas duas colunas de jornais: Jornal News Rondônia e Correio do Amazonas, além de fornecer conteúdo para professores de aproximadamente 550 escolas em um projeto de compilação de dados da Universidade Católica do Rio de Janeiro, no qual está criando um enorme banco de dados com o objetivo de servir de guia e referência para professores de todo o país.

Além destas fontes públicas onde o material fora divulgado, alguns grupos de discursão também receberam as informações e todas as informações foram armazenadas e publicadas no site LenderBook.com.

Embora o interesse do particular pelo tema Psicologia ainda seja muito incipiente, e os resultados apontam que a procura por informações deste tipo ainda é bem restrita, fornecer informações públicas do setor estimulam pessoas e parentes de pessoas que despertaram para a necessidade de um tratamento, possam organizar uma ideação inicial para saber que seu adoecimento, ou de pessoa de seu vínculo, ou dor psíquica existe possibilidade de tratamento e de cura, e que para isto necessita ser amparado por um profissional que o seu preparo e desempenho ético possa contribuir para acelerar o processo de reabilitação para conduzir o indivíduo de que necessita novamente para princípios homeostáticos e de estabilidade gerencial.

Acredito que o aprendizado possa explodir exponencialmente para o indivíduo capaz de dominar a sua própria mente. Tenho representado esforços neste sentido de fazer demonstrações públicas sobre a influência que o domínio de conteúdos deste tipo é capaz de sinalizar para a descoberta da realidade.

Uma mente em conflito quando capta um aprendizado do espaço ao qual ela está condicionada a agir e interagir não é capaz plenamente de corresponder à demanda ambiental, por outro lado, se seu estabelecimento se manter coeso e operante é capaz de codificar e transmitir sua realidade numa frequência ambiental que critérios somáticos de estabilidade são registrados no ambiente como não perturbadores e não ativadores de ampliação de distúrbios que elevem o processo de desagregação social devido a canalização de forças de pulsão de mortes, descritas estas últimas como um aprendizado Freudiano., permitindo que um indivíduo potencialize sua existência no sentido de conexão com a vida.